

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

FRED CARLOS TREVISAN

Nome:

Data: / /2022

Aristóteles
A Felicidade é a finalidade das ações humanas!

A Felicidade é a finalidade das ações humanas!

Fred Carlos Trevisan¹

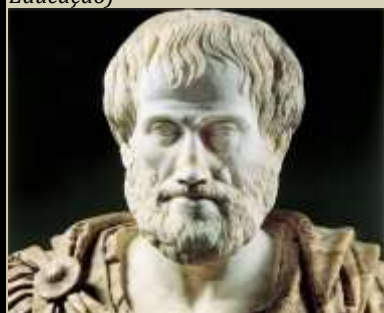
Na atualidade, quando falamos sobre realização pessoal e felicidade, inevitavelmente falamos em termos profissionais e financeiros, mas quase nunca em termos pessoais. São tempos difíceis os atuais, tempos fluidos, que se apresentam como uma expressão radical da sociedade de consumo. As pessoas passaram a buscar sua identidade não naquilo que são, mas naquilo que consomem e exibem, como se quisessem dizer: “eu sou o que compro”.

Esse fenômeno foi denominado pelo sociólogo Zygmunt Bauman de “modernidade líquida”, onde não se valoriza o permanente, mas o temporário, na medida em que nada é sólido ou mesmo mantém a forma por muito tempo. Isso parece ser uma consequência direta do pensamento de Heráclito de Éfeso, um obscuro filósofo da Grécia antiga, que em seu mais famoso fragmento parece ter antecipado aquilo que seria a marca essencial da contemporaneidade, “tudo flui” afirmou ele, tudo é mudança, vive-se a inconstância o que provoca a insegurança e o medo.

Em tempos fluidos, a felicidade tornou-se líquida, material e momentânea. Uma campanha publicitária, realizada por uma grande rede de supermercados, exemplifica muito bem isso “É simples ser feliz”, afirma o lema insistentemente. Mas, essa simplicidade, apregoada pela campanha, não advém de uma vida simples e bem vivida, como ensinava Epicuro, filósofo grego contemporâneo de Aristóteles, mas advém do consumo e do bem estar material, como demonstra o *slogan* da campanha publicitária, “O que faz você feliz?”.

¹ Professor do departamento de Filosofia da PUCPR.

Aristóteles nasceu na cidade de Estagira, na Macedônia, em 384 a.C. Foi um dos três grandes filósofos da Grécia Antiga, tendo convivido e estudado com Platão. Sabe-se que, em sua juventude, teve uma sólida formação em ciências, o que influenciou bastante a sua produção filosófica. Ainda jovem, o filósofo foi para Atenas, onde conheceu o seu mestre Platão e foi estudar na Academia — centro de estudos e discussões sobre Filosofia e Política fundado pelo professor de Aristóteles nos arredores de Atenas. Após anos de estudos na Academia, Aristóteles passou a lecionar na instituição, aprofundando-se em seus estudos sobre temas da Filosofia Platônica (de forte inspiração socrática) — que iam de conhecimentos de Ética e Política até questões como o conhecimento da verdade e a formação das ideias. Na medida em que estudava tais temas, Aristóteles formulava as suas próprias teorias, o que o levou a um afastamento intelectual das ideias platônicas e marcou uma cisão muito grande dele com o seu mestre, representada na valorização do conhecimento empírico. Contam as suas biografias que, na ocasião da morte de Platão, Aristóteles (que já lecionava há muito tempo na Academia) esperava um cargo de gestão na instituição de ensino. Ao não receber esse cargo, o pensador desligou-se da Academia e partiu de Atenas para a cidade de Artaneus, na Ásia Menor, tornando-se consultor e conselheiro político entre os anos de 347 e 343 a.C. Nesse último ano, ele resolveu retornar à Macedônia e, na ocasião, tornar-se preceptor de Alexandre, herdeiro do império macedônico. Em 335 a.C., na ocasião da posse de Alexandre como imperador devido à morte de seu pai, Aristóteles seguiu de volta para Atenas e fundou, em um local próximo à cidade, o seu Liceu — um centro de estudos de filosofia e esportes para os jovens atenienses. (Adaptado de Mundo Educação)



Nas sociedades contemporâneas, onde se predomina a fluidez nas relações, o conforto e os bens materiais tornaram-se sucedâneos a felicidade. Onde, as pessoas passaram a buscar a felicidade instantânea, proporcionada pelo bem estar material. As pessoas esqueceram-se do que realmente importa na vida, do que realmente as faz feliz, que são, sobre tudo, as relações humanas. As relações estabelecidas com as outras pessoas, isso é o que importa, é a única coisa que conta ao final. Quando, após uma vida longa e próspera, ao fazer um balanço dela, o que será levado em conta são as relações com as outras pessoas. Quantas pessoas foram amadas, quantas pessoas lhe amaram, quantas pessoas estiveram ao seu lado, enfim, ao final de sua vida, ao fazer um balanço dela, isso é tudo o que realmente importa. Suas obras, seus trabalhos, seus feitos, ao chegar no final de sua vida, isso não contará para absolutamente nada. O que realmente contará, a certa altura da vida, são os atos de amor que se teve com as outras pessoas, são esses atos que realmente contam.

É neste contexto, que a doutrina da felicidade de Aristóteles se apresenta como uma alternativa para todos aqueles que buscam uma terapia para os tempos atuais. No livro *A Política*, Aristóteles coloca a pergunta essencial do ponto de vista da filosofia moral grega e, que ainda continua fundamental para a vida humana: “qual o tipo de vida mais desejável?”.

A resposta de Aristóteles para essa pergunta passa primeiro por uma discussão sobre a existência ou não de uma única forma de bem. Por esse motivo, Em seu livro *Ética a Nicomacos*, O estagirita analisa o bem como algo final e autossuficiente e, mais precisamente, busca definir qual o bem supremo para o homem.

Mesmo que nas diversas atividades o bem tenha significados diferentes, como por exemplo, no caso entre a

medicina e a estratégia, em que em cada uma dessas atividades o bem parece ser a causa de tais movimentos. Em cada ciência, arte e ação procura buscar o bem que lhe é próprio de acordo com sua finalidade, pois “Em uma atividade ou arte ele tem uma aparência, e em outros casos outras” (*E.N.*, 10 97 a 16). Esse bem real, concreto se caracteriza em torno da disposição ou da atividade imanente na função específica do homem enquanto sujeito do agir moral.

Em Aristóteles o bem é definido pela finalidade, mesmo que esta não esgote o seu significado. Contudo, sendo um conceito formal, o bem designa a finalidade essencial e não tão somente as determinações valorativas morais, mas no entender de Sangalli, “(...) designa o fim de toda a atividade movida pela tendência natural para algo que complete a sua realização plena” (1998, p.40).

Desse modo, o bem deve ser escolhido por ser um fim em si mesmo, bem supremo, jamais deve ser escolhido como meio para outro fim, como por exemplo, o dinheiro, que não pode ser considerado um fim em si mesmo, pois visa outro bem. Neste caso, do dinheiro, o sujeito delibera sobre os meios e não sobre os fins. Cada ação, deliberada e escolhida deve visar a um e ao mesmo fim último e, enquanto finalidade última deve almejar o bem e o melhor dos bens.

Portanto, o fim de qualquer ação ou atividade humana é o bem e a realização de forma perfeita de sua causa final. A causa final ou a finalidade humana tem seu conteúdo determinado pela consideração de ordem metafísica e cosmológica. A tendência natural do ser humano em mover-se para sua plenitude, para seu bem é expressa através da doutrina da causalidade nos seres naturais.

No caso específico do ser humano, o bem, que é compreendido como causa final, como fim de uma ação, é definido por uma deliberação livre e racional na realização dos meios e da perfeição da própria função específica da essência ou da própria forma de ser humano. A tendência natural dos seres humanos de buscar o fim de forma consciente e voluntária é um bem próprio, mediante ações que são orientadas a um fim. Isso ocorre porque a natureza humana é política, é na polis que se educa e se adquire o hábito das virtudes.

O próximo passo de Aristóteles consiste em determinar o bem para cada ser humano. Parece ser a felicidade, mais que qualquer outro bem, o fim supremo ao qual todos seres humanos tendem naturalmente, pois ela é escolhida sempre por si mesma e jamais por causa de algo mais. Esse fim último e almejado é a causa de todo querer deliberativo. Dessa forma, delibera-se sobre coisas que estão sobre o alcance e que podem ser realizadas. O desejo tende naturalmente para o bem, que é almejado por si só de forma absoluta.

A ética aristotélica é estruturada não para sujeitos individuais, mas antes, para o humano, universalmente, tendo em vista a condição de animal social, no qual a convivência com os seus, pais, filhos, esposa e, em geral, com seus amigos e cidadãos possibilita o exercício das atividades virtuosas orientadas para a consecução das duas finalidades específicas.

Para que se possa compreender o alcance da concepção teleológica na filosofia prática de Aristóteles, do bem como fim de uma ação é necessário questionar a estrutura do *telos*² no âmbito da *psychê*³ humana. Entre os muitos bens, ocasionados devido à multiplicidade de atividades, Aristóteles identifica, diferenciando essas atividades, um bem que é final, que é querido por si próprio, sem a dependência de algo externo a ele. Um bem que possa ser definido como “autossuficiente” porque em si mesmo, ele torna a vida desejável por não ser carente de algo, e isto, na concepção aristotélica, é a felicidade.

A condição necessária para que se caracterize um agir, que possua sentido em si mesmo, só se realiza na práxis humana através da prudência. Consequentemente, este agir se encontra fora do universo do fazer, onde o fim da ação é a produção de algo, a obra, que por sua vez é exterior ao próprio homem e que para atingir sua forma necessita tanto da matéria quanto da obra.

Assim, pode-se dizer que o fim último do ser humano, das ações humanas, consiste justamente em realizar concreta e efetivamente a tendência imanente no ser através da força determinativa da razão. A causa final da ação humana não pode ser procurada fora do homem, nem tão pouco nas faculdades da *psychê*, sejam elas inatas ou adquiridas. É por meio do exercício ativo das faculdades da *psychê* que a causa final da ação humana é obtida.

A existência humana para Aristóteles parece ter sentido somente se ela visa um fim que é determinado. Todo ser humano deve dirigir-se, independentemente de credo ou classe social a que pertence, para um bem supremo, um fim último da vida humana, através de suas ações, escolhas, buscando sempre a atualização, enquanto agente moral e racional. O fim último da vida humana, o bem natural para o qual todos os seres humano devem dirigir-se é a felicidade. Mas, como ser feliz sem os outros?

² Τέλος (telos) é uma palavra grega que significa finalidade. Em Aristóteles ela ganhou um novo significado como o estudo filosófico dos fins, isto é, do propósito, objetivo ou finalidade.

³ O termo grego ψυχή (psychê), contido na obra aristotélica foi traduzido pela tradição filosófica como “anima”, cujo correspondente em língua portuguesa é “alma”. Entretanto, a fim de se distanciar dessa interpretação do conceito aristotélico e procurando manter a maior fidedignidade possível ao seu significado original, optou-se por apenas transliterar o termo ψυχή para psychê ao invés de traduzi-lo.

Em Aristóteles a felicidade aparece claramente ligada a vida pública, que implica em compreender o homem em sua qualidade de cidadão, situado em uma determinada cidade que se encontrava acima da família e do próprio indivíduo. Neste sentido, o indivíduo passa a existir em função da cidade e não o contrário, pois se o bem do indivíduo é idêntico ao da cidade é mais nobilitante e perfeito escolher e defender o bem da cidade, uma vez que não se trata de apenas um indivíduo, mas antes, de toda uma coletividade. A cidade segue sendo basicamente para ele o horizonte que acabará por abarcar os valores do homem.

Para atingir o fim último, a felicidade, o ser humano deve agir de acordo com a doutrina do meio termo. A excelência moral depende da escolha de ações e emoções consistentes num meio termo, com relação ao agente, determinado pela razão. Na verdade, o meio termo é uma virtude que se encontra entre dois vícios, trata-se de um estado que é intermediário. Isso acontece porque dentre as várias maneiras de deficiência moral há sempre a falta ou o excesso do que concernem tanto as ações quanto as emoções, no entanto a excelência moral visa sempre o meio termo.

O meio termo é sempre o almejado, é onde a pessoa centrada busca estar e permanecer. Com relação à alimentação, por exemplo, o excesso é a gula e a falta é a fome, já o meio termo é o satisfeito, em relação à honra e a desonra, o meio termo é a magnanimidade, o excesso é chamado de pretensão, e a falta é a pusilanimidade, e assim ocorre em quase todas as ações e emoções.

Para atingir a excelência moral e ser feliz, o homem necessita deliberar e escolher sempre o meio termo. Entretanto, escolher o meio termo não é tão simples, na realidade é uma tarefa árdua que pode levar um longo caminho para seu aprendizado, pois se faz necessário uma disposição da *psychê* para escolher o certo, esta disposição é fruto de um hábito que é adquirido ao longo do tempo. Então, fazer o certo, escolher o correto, depende de um hábito que é adquirido ao longo da vivência da pessoa.

Portanto, o correto a se dizer não é “o que faz você feliz?”, como tão bem apregoa o *slogan* da campanha publicitária, mas “o que você faz para ser feliz?”, isso porque a felicidade, segundo Aristóteles, não advém do conforto material, mas é o resultado de uma vida vivida em termos de virtude. Somente aquelas pessoas que dedicaram suas vidas ao exercício da virtude é que poderão, um dia, enfim, serem felizes. Se, por sua vez a felicidade parece ser algo difícil de ser adquirida, Aristóteles nos consola afirmando que, do mesmo modo que ocorre com a virtude, ela, a felicidade, é difícil de ser adquirida, porém é duradoura.

Referências

ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES E HERÁCLITO. Os *Pensadores Originários*. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: La Fonte, 2017.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Brasília: UNB, 2015.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade*. São Paulo: UNESP, 2002.

SANGALLI, I.J. *O fim último do homem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

FRED CARLOS TREVISAN

Nome:

Data: / /2022

Atividade Avaliativa:

ARISTÓTELES E A FELICIDADE!

Caros,

Definitivamente, estes são tempos estranhos!

Onde o prazer de levar uma vida em comum, a inclinação a viver em companhia de outros, onde nossas relações sociais dão espaço para a reclusão social, nos levando ao limite da sociabilidade. Tempos que nos forçam a inovar em nosso cotidiano, buscando cada vez mais alternativas criativas para enfrentar a reclusão, a solidão.

Mas, se por um lado, é uma ausência de contatos com outras pessoas, por outro, é o convívio com os familiares, o fortalecimento dos vínculos, o encontro consigo mesmo.

Pensando nesses tempos estranhos, como fica aquilo que Aristóteles apregoava como sendo o sentido da vida humana? A felicidade, o objetivo último de todas as ações, o *telos* para o qual todas as ações naturalmente se inclinam, como ser feliz em tempos de pandemia mundial, de crise sanitária?

Assim, a atividade consiste em, após a leitura do texto ***“A Felicidade é a finalidade das ações humanas!”***, refletir sobre a seguinte questão:

O que você faz para ser feliz?

Após sua reflexão, registre em uma self, imagem ou em um vídeo, o que você faz para ser feliz, de acordo com a teoria de Aristóteles, e me envie com um texto de 500 a 1500 caracteres.

Bom trabalho a todos,

FRED TREVISAN

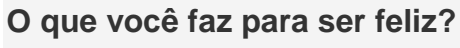
This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Foto: